

30/07/2019

O trabalho da enfermagem e a gestão do descabimento

Lucrecia Bobbit Filgueiras

[Enfermeira. Professora]

Constantemente nos sentimos injustiçados no trabalho, muitas vezes por cobranças descabidas, inoportunas ou impróprias no tempo e no espaço. Somos impelidos a práticas que ferem as relações pessoais, a técnica, a ética e os direitos humanos. Seria uma enorme pretensão de minha parte tentar desenredar toda a complexidade na vivência diária do nosso trabalho. Muitos teóricos e acadêmicos tentam e alguns conseguem se aproximar da realidade do mundo do trabalho de algumas categorias profissionais ou mesmo desses trabalhadores descaracterizados e sem reconhecimento social. Essa falta de reconhecimento, ou melhor, invisibilidade social, que rebaixa o trabalhador e o coloca numa condição social e política menor parece estar banalizada em nossa sociedade. Temos inúmeros casos - sepultadores, garis, catadores de recicláveis etc. -.

O psicólogo Fernando Braga da Costa trata desse tema. Contudo, falo aqui sob a ótica da enfermagem e sem medo algum de errar digo que o profissional de enfermagem, principalmente dentro da dinâmica da organização hospitalar, tem seu processo de trabalho e sua valorização enquanto profissional comprometidos e invisibilizados. Cabe ressaltar o esforço que muitos profissionais e pesquisadores da enfermagem vêm fazendo ao se engajar em projetos de pesquisa e em estudos, na busca de um saber científico próprio e promovendo assim o maior reconhecimento da profissão. Infelizmente essa “tropa de elite” da enfermagem está, provavelmente, afastada da assistência, sem o contato diário com os pares, com as seringas do êmbolo duro de puxar, com as ampolas de plástico que ferem nossos dedos, agulhas para punção venosa de difícil manipulação e de inúmeros outros materiais de qualidade questionável que somos obrigados a usar. Eles estão provavelmente contidos e concentrados em centros de formação e pesquisa. O que está sendo produzido nesses “centros de formação”, nas universidades, custa a chegar até nós tanto para valorização do saber próprio do profissional como para melhor qualificar a prática diária das nossas atividades. Eventualmente aparecem nos serviços com seus alunos de graduação. E como é bom!! Sinto orgulho deles e nesse momento não desejo ainda falar da relação dos serviços de saúde com a academia. O motivo dessa nossa conversa agora é outro. Aqui entre um plantão e outro, sentindo um leve formigamento nos pés muito cansados, estou refletindo sobre as exigências descabidas que nos invadem no trabalho e consequentemente na prática da enfermagem.

Vivemos uma dicotomia na prática da nossa profissão. Somos gerentes ou líderes da organização do cuidado aos pacientes/doentes e essa é a nossa maior responsabilidade e habilidade técnica. Fomos treinados e formados prioritariamente para isso - cuidar -. Aprendemos técnicas, procedimentos, métodos, processos para fazer e também orientar e supervisionar o fazer o cuidado. Isso é muito, não acham? Podem ter certeza que é muito sim. Nos nossos hospitais sempre lotados são muitas tarefas e demandas no cuidado individual e coletivo dos pacientes. Mas, apesar disso, temos uma tarefa adjacente que nos ocupa e consome constantemente: somos cobrados da organização e gestão dos serviços nas unidades em que trabalhamos. Posso dar vários exemplos. O médico está dando alta e quer folhas de receituário, não achou? Chama a enfermeira. O lixo está acumulado no cesto? ... chama a enfermeira! A luz do foco queimou? Onde é que está a enfermeira que não viu isso? Acabou a roupa na rouparia? Fala com a enfermeira para ela dar um jeito. Tal procedimento não foi registrado no prontuário? Pergunta à enfermeira o porquê.

Ah! Os resultados dos exames não chegaram. Fala com a enfermeira, ela se vira muito bem com o pessoal do laboratório. E por aí vai. Seriam infinitos os exemplos que poderia dar nessas minhas 3 décadas de trabalho.

E cada época com demandas relacionadas ao momento histórico da evolução da assistência em saúde.

O foco do processo de trabalho da enfermagem - o “cuidado” individual ou coletivo -, é desenvolvido por mais de uma categoria profissional em ações hierarquizadas, conforme a complexidade do adoecimento dos pacientes que temos que cuidar. Mas também espera-se do/a enfermeiro/a uma capacidade gerencial. Essa capacidade esperada ultrapassa o gerenciamento do cuidado e do processo de trabalho em si. Os enfermeiros assumem cada vez mais o papel de gerentes de serviços de saúde, das unidades de trabalho, vivenciando diariamente dupla função gerencial. Muitas vezes assumem de forma informal e sem o menor reconhecimento desse esforço em colaborar com a gestão. É o nosso trabalho invisível e desvalorizado. Um trabalho que nos cansa, desgasta, desencanta. Quanto mais quando sofremos cobranças descabidas...

Na enfermagem, nos dias de hoje, falamos em gerência de unidade que consiste na previsão, provisão, manutenção, controle de recursos materiais e humanos para o funcionamento do serviço, e gerência do cuidado que consiste no diagnóstico, planejamento, execução e avaliação da assistência, passando pela delegação das atividades, supervisão e orientação da equipe (Greco, 2004:505). ■■■

Citação:

Greco, RM. Relato de experiência: ensinando a Administração em Enfermagem através da Educação em Saúde. Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 jul-ago;57(4):504-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n4/v57n4a26.pdf>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.